NAS BANCAS

A nova configuração da periferia de Campinas

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

As áreas habitacionais da periferia de Campinas, embora compostas em sua grande maioria por populações de baixa renda e baixa escolaridade, apresentam características socioeconômicas e demográficas diferentes entre si. Esta foi uma das conclusões da pesquisa conduzida pela demógrafa Izabella Maria Zanaga de Camargo Neves. O estudo foi apresentado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH).

> Inserção no mercado de trabalho é problemática

"O espaço da periferia ganhou hoje novos contornos, articulando-se inclusive de forma diferente daquela observada há alguns anos", explica a demógrafa. Segundo Izabella, o estudo de indicadores selecionados, baseados no último censo do IBGE, revela a existência de uma periferia bastante heterogênea, tanto no perfil socioeconômico e demográfico da população, como na capacidade de cada assentamento de se organizar politicamente – reivindicando, assim, junto ao poder público, melhores condições urbanísticas e habitacionais.

No Parque Oziel, por exemplo, observa-se uma renda domiciliar *per capita* de 0,80 salário mínimo mensal, enquanto que nos bairros Cohab Vida Nova e Ocupação Vila Vitória, a renda é de 0,54 salário mínimo. "É uma diferença significativa, tendo em vista as características semelhantes entre os assentamentos e a distância em relação à média municipal, que é de 2,30 salários mínimos mensais", afirma Izabella.

Outro ponto que chama a atenção da pesquisadora é a notória precariedade da forma de inserção no mercado de trabalho. "É muito grande o percentual de trabalhadores nas regiões estudadas que oscilam entre o desemprego e o trabalho informal nos serviços básicos – que compreende atividades de baixa qualificação como serventes, ajudante geral e ambulantes", afirma Izabella. Enquanto a média de Campinas nestas categorias fica em torno de 48%, no Parque Oziel, na Cohab Vida Nova e na Vila Vitória chegam a mais de 70%.

Em contrapartida, em áreas mais antigas, cujo adensamento da população já está mais consolidado, como é o caso da Cohab Padre Anchieta e região dos Amarais, os trabalhadores formais técnicos e do comércio possuem médias maiores ou pouco menores daquelas observadas na cidade. Na Cohab Padre Anchieta e ocupação Padre Josimo, a média é de 19,2%, sendo que a média campineira é de 19,8% de trabalhadores nestas condições. Na região dos Amarais, a média observada é de 16,1%.

Com relação às taxas de crescimento da população, a heterogeneidade fica ainda maior, evidenciada pela forma pontual que se observa no crescimento populacional na periferia do município, no período entre 1991 a 2000. Nos Amarais, a população decresceu – a taxa foi de 0,9% negativo. Já no Parque Oziel, foi de 106,4%, enquanto na Cohab Vida Nova, de 116%. "Se considerarmos que estes dois últimos assentamentos surgiram ao longo da 1990, essas taxas de crescimento podem ainda ser consideradas maiores", destaca a demógrafa.

Para a seleção das áreas que fariam parte do estudo foi utilizada uma categorização proposta pela Prefeitura Municipal de Campinas, que classifica as diferentes formas de assentamento popular, segundo a sua regularidade fundiária. Nesse âmbito, favelas são consideradas regularizáveis ou em processo de regularização. As chamadas ocupações são aqueles assentamentos que não apresentam condições de regularização.

Outra categoria proposta pela Prefeitura são os Núcleos Habitacionais, assentamentos que já passaram pelo processo de regularização fundiária, em que o título de propriedade ou concessão de uso já foi entregue aos residentes do local.

O estudo também contemplou áreas institucionalizadas, que são aquelas em que a Companhia de Habitação de Campinas (Cohab) implementa unidades habitacionais e os loteamentos comercializados pela iniciativa privada, com aprovação prévia da prefeitura.

A pesquisa foi financiada pela Capes/CNPq e faz parte do projeto, em desenvolvimento no Núcleo de Estudos da População (Nepo) da Unicamp, denominado "Dinâmica intrametropolitana e vulnerabilidade sócio-demográfica nas metrópoles do interior paulista: Campinas e Santos". O estudo é coordenado pelo professor José Marcos Pinto da Cunha.

Foto: Antoninho Perri/Divulgação

A demógrafa Izabella Zanaga de C. Neves: "Periferia ganhou novos contornos"

Barracos na Vila Vitória, bairro da região periférica de Campinas: características sociais e demográficas heterogêneas

Foto: Antoninho Perri

A engenheira de alimentos Priscila Becker Siqueira: trabalho inédito

Cerveja 'velha' perde atividade antioxidante

A cerveja no final de sua vida de prateleira perde em até 50% as suas características antioxidantes e os compostos fenólicos, ou seja, propriedades que podem prevenir doenças cardiovasculares e têm atividade antiinflamatória. A conclusão é da engenheira de alimentos Priscila Becker Siqueira depois de realizar testes bioquímicos e sensoriais em três marcas diferentes de cerveja. A pesquisa, orientada pela professora Gabriela Alves Macedo, foi desenvolvida na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA).

Segundo Priscila, trata-se do primeiro estudo sobre atividade antioxidante feito com cervejas brasileiras a levar em conta todo o tempo em que o produto permanece na prateleira. "Já se sabia que a cerveja é importante fonte de polifenóis, provenientes do malte e do lúpulo. Os compostos existentes são comparáveis, por exemplo, aos do vinho branco. A questão, no entanto, seria identificar as perdas durante o prazo de validade", explica a pesquisadora.

A cerveja dura em média seis meses, depois de passar por dois processos distintos de estabilização, por meio dos quais as proteínas ou os compostos fenólicos são retirados. Por isso, o trabalho realizado por Priscila buscou constatar se o tipo de matéria-prima influenciaria nas características antioxidantes. "A motivação do trabalho foi justamente entender melhor o perfil oxidativo, uma vez que os estudos existentes abordam apenas a atividade antioxidante de maneira pontual", esclarece.

O estudo conduzido por Priscila consumiu quatro meses de testes. A cada oito ou dez dias, a pesquisadora colhia amostras e realizava cinco testes bioquímicos diferentes para observar as características durante o envelhecimento. Ao mesmo tempo, eram feitas as análises sensoriais para quantificação do aroma e sabor. Os resultados indicaram aumento no aroma e sabor de papelão, que é o principal indicador sensorial do processo de oxidação da cerveja, e menor quantidade de compostos fenólicos na cerveja mais envelhecida.

Estudo traça perfil de paciente psiquiátrico

A experiência acumulada em 18 anos de trabalho na Unidade de Internação Psiquiátrica do Hospital das Clínicas (HC) levou a terapeuta ocupacional Ana Lúcia Prezia Sampaio a investigar o perfil sócio-demográfico dos pacientes que morreram no hospital. Das 26 mortes ocorridas desde que em 1986 foi instalado o serviço, a maioria foi causada por doenças cardiorrespiratórias; os diagnósticos psiquiátricos mais freqüentes no grupo foram os transtornos de humor e aqueles relativos ao uso de álcool e drogas. A investigação conclui que os hábitos de vida desses pacientes contribuem para o acometimento de doenças clínicas que podem provocar a morte prematuramente.

"A idéia é que o estudo sirva de parâmetro para a adoção de medidas que melhorem a qualidade de vida do paciente psiquiátrico. É preciso investir, principalmente, em campanhas contra o tabagismo, sedentarismo, hábitos alimentares e uso de drogas nessa população", defende Ana Lúcia, que apresentou dissertação de mestrado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM).

O paciente com transtorno mental grave, explica a terapeuta, tem uma menor expectativa de vida quando comparado à população em geral. Por isso, o trabalho teve como foco fazer um estudo retrospectivo e descritivo dos pacientes internados, que constitui uma população de mais de 2,2 mil indivíduos. "A média de internação varia entre 20 a 25 dias. A medida só é adotada caso o paciente esteja em estado grave", esclarece Ana Lúcia.

Um dos principais problemas enfrentados com os pacientes refere-se aos sintomas da doença psiquiátrica e os medicamentos utilizados. Os sintomas apresentados pela doença psiquiátrica muitas vezes favorecem o sedentarismo. Ademais, esclarece a pesquisadora, alguns dos remédios prescritos podem resultar em obesidade. Neste sentido, medidas como estímulo à atividade física regular e orientação aos hábitos alimentares melhorariam as condições de saúde do paciente. Outra questão trata do alto índice de tabagismo observado entre os pacientes psiquiátricos. "Este é um problema sério, pois familiares e profissionais não valorizam as conseqüências inevitáveis do tabagismo. Muitas vezes, chegam a oferecer o cigarro como forma de diminuir a ansiedade do indivíduo", afirma a terapeuta.

Ana Lúcia acredita que, mesmo com os resultados positivos da reforma psiquiátrica, ocorrida na década de 1980, ainda há um estigma em relação ao doente com transtorno mental. "Muitas vezes, não se valoriza a queixa clínica do paciente. A doença mental é como as outras doenças e deve ser tratada de forma sistêmica. Porém, ainda há uma dificuldade em desenvolver estratégias específicas para diminuir esse preconceito. É preciso valorizar e respeitar o paciente psiquiátrico" prega. Ana Lúcia defende ainda as intervenções psicopedagógicas, a criação de trabalhos que possam intervir na saúde do paciente, e ações mais pontuais em relação ao uso de drogas.

Foto: Antonio Scarpinetti

Ana Lúcia Prezia Sampaio: parâmetros para a adoção de medidas